

Paris - Dezembro 1915
 dia 29 (a' muito)

Meu querido Amigo,

Estou-me divertindo, decididamente, num
 boneco muito pouco interessante. Re-
 cebi ontem a sua carta entusiástica, e
 o "Sr. Mendes" do Almada Negreiros. Abracei
 o tapacinho por mim. Hoje mando beijar
 a - ele num postal que você provavelmente
 receberá antes desta carta por via da cen-
 sura. Vai junto um retrato de uma
 petite femme do Café Riche que é
 outra Encarnação do Almada em um
 look rosa. Autoria do retrato: sr. Ferreira
 da Costa. Dê o boneco ao pequeno bebê
 em um postal que envio ao seu endereço
 por via Brasileira o poder ser rapto.
 Não sei como isto ha de ser decididamente.
 Eu tenho guiso, mas não ha maneira.
 A tamborela gira cada vez mais desordenada.

Por todos não posso estar um momento
quieta. É uma febre, uma febre.
Quando vou a casa do F. da Costa
escaqueiro sempre as franjas do tapete -
e outro dia parti - lhe um cinzeiro.
Hoje saí de casa. Estive foi na
Terrace do Americano. Não conseguia.
Agora, não sei proprio, estou na Façenda
Mouset que é um café com que em
embimo inenú. Depois tenho o foun-
ter. Depois outro Café. Mas que mais
hei de fazer? É muito de ontem
por 500 francos para Lisboa.
Provavelmente não nos mandam.
Também não preciso deles para nada.
Mas é um horror, um horror. Uma
partição de aborrecimento - um
combóio expresso de angústia.
Aborrecimento na alma, por todo
o corpo: e o que é pior: nos intestinos.
Bolinhas na testa e no pescoço.
Tudo isto, finalmente, provocado pelo
meu estado de alma impossível,

e cada vez mais um mundo. Uma
 vontade imensa de me envolver,
 mas nos olhos. Depois - um estertor -
 de súbito, focam-se os movimentos
 arcos extramitológicos, que devem ser
 recordações: então é um, uma jaci-
 nha de vidro que a olhar no
 espelho - de vidro que: e pegos
 de bordados redondos, ocultando que
 quer seja por baixo que mexia e
 devia ser detestável. Os bordados
 eram brancos e cor de rosa - e
 mexiam os estupradores, mexiam!
 tudo isto para - é que eu não
 sei. Depois o que havia em mim
 de interessante e hoje papel rasgado.
 Então farto! farto! farto! Mexia
 que me pusessem um barretinho
 de dormir todas as noites - palavra,
 meu querido Amigo. É o pior é que
 tenho perfeitamente a noção de tudo
 quanto lhe quero - que estou em mim
 perfeitamente e tanto que lhe vou

dizer que o Jean Finot (director da
revue) disse ao F. Da Costa que lhe
fez o retrato e entrevista que trouxe
o maior prazer de lê-la na sua
revista artigos sobre a literatura
portuguesa moderna. Isto deve mesmo
saír no Recueil. Em ocasião conve-
niente p^o você escrever um artigo sob
a "forma literária" ao de baixo. Mas
não diga mal de ninguém. Repetidamente
claro, o Jean Finot - q^o é português -
acha admirável o Jean de Barros
Ma^o Xê. Mas pode só falar de nós e
dos renascentes. É interessante.
Você provavelmente é que não está
para isso. Em todo o caso é muito
interessante. Então - lhe que o artigo
seja publicado. Você enviar-me-á
a mim que eu o farei chegar ao
Finot. Artigo claro "page". Ou então
envie-lo directamente se por acaso você
preferisse isto: Affine-lo em um nome
qualquer: Imáel de Campos - p^o poder

falar do Fernando Pessoa. Parece
 em tudo isto. — Orfeu mendig!
 A C. Ferreira entra-me que falando
 entrou a um comerciante Eduardo
 de Azevedo em casa dele, por acaso,
 no meu nome — ele logo: Ah, já sei,
 um dos malucas do Orfeu: e trouxe
 gaveta ei-la que tira grande do
 na mão o livro terrível 2 portado!
 Para a Capital, em vantes — onde
 habita momentaneamente — e a um amigo
 de Lisboa logo pediu a revista.
 Pólvora! Pólvora!!! Olhe você perdão
 toda esta carta que afinal é
 um desabafo. Você compreende que
 se eu batesse aqui um muro ou
 mesa ou um escândalo. Por isso
 as asneiras psicológicas que atraço
 refiro — são esse muro. Perdão.
 Escreva. De o retrato e o portal ao
 Almeida. Mil abraços, mil saudades
 do seu, seu —

Antônio de S. Carneiro

que em todo o caso ainda não pensa em
 procurar entrar em contacto com o artista inimico...)

